

---

## TROVA DO VENTO QUE PASSA

*Manuel Alegre*

Pergunto ao vento que passa  
notícias do meu país  
e o vento cala a desgraça  
o vento nada me diz.

Pergunto aos rios que levam  
tanto sonho à flor das águas  
e os rios não me sossegam  
levam sonhos deixam mágoas.

Levam sonhos deixam mágoas  
ai rios do meu país  
minha pátria à flor das águas  
para onde vais? Ninguém diz.

Se o verde trevo desfolhas  
pede notícias e diz  
ao trevo de quatro folhas  
que morro por meu país.

Pergunto à gente que passa  
por que vai de olhos no chão.  
Silêncio -- é tudo o que tem  
quem vive na servidão.

Vi florir os verdes ramos  
direitos e ao céu voltados.  
E a quem gosta de ter amos  
vi sempre os ombros curvados.

E o vento não me diz nada  
ninguém diz nada de novo.  
Vi minha pátria pregada  
nos braços em cruz do povo.

Vi minha pátria na margem  
dos rios que vão pró mar  
como quem ama a viagem  
mas tem sempre de ficar.

Vi navios a partir  
(minha pátria à flor das águas)  
vi minha pátria florir  
(verdes folhas verdes mágoas).

Há quem te queira ignorada  
e fale pátria em teu nome.  
Eu vi-te crucificada  
nos braços negros da fome.

E o vento não me diz nada  
só o silêncio persiste.  
Vi minha pátria parada  
à beira de um rio triste.

Ninguém diz nada de novo  
se notícias vou pedindo  
nas mãos vazias do povo  
vi minha pátria florindo.

E a noite cresce por dentro  
dos homens do meu país.  
Peço notícias ao vento  
e o vento nada me diz.

Quatro folhas tem o trevo  
liberdade quatro sílabas.  
Não sabem ler é verdade  
aqueles pra quem eu escrevo.

Mas há sempre uma candeia  
dentro da própria desgraça  
há sempre alguém que semeia  
canções no vento que passa.

Mesmo na noite mais triste  
em tempo de sevidão  
há sempre alguém que resiste  
há sempre alguém que diz não.